



UNICAMP

P16.22

EVENTO: Festival de Inverno de Campos do Jordão

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 04 de julho de 1994

PÁGINA: D 2

SEÇÃO: CADERNO 2



FESTIVAL

Concerto de abertura evita obviedade

O evento abandona o tradicionalismo e investe, este ano, na música contemporânea

JEAN-YVES DE NEUFVILLE

CAMPOS DO JORDÃO — Uma autêntica revolução estética marcou o 25º Festival de Inverno de Campos do Jordão na noite de abertura, sábado passado. Desta vez nada de Bach, Mozart e Beethoven para ninar os conservadores de plantão. O máximo permitido foram cânones de trompete, entoando o hino barroco *Trumpet Voluntary*, de Purcell. Depois, diante de um auditório superlotado, o maestro Eleazar de Carvalho, regendo a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, abriu as "hostilidades" com o difícil *Concerto para Violoncelo e Orquestra, Opus 107*, de Schostakóvitch. A foi um desafio para a plateia, mesmo com as eloquentes demonstrações de virtuosismo do solista Antonio Meneses.

"Para falar com sinceridade, gosto mais da música do século 19", disse o governador Luiz Antonio Fleury Filho, em depoimento ao *Caderno 2* durante o intervalo. "Mas estou aqui exatamente para completar a minha educação musical". Segundo o governador, o festival "não pode ser estático". "Precisamos formar o público do futuro, valorizando a música do nosso século". Em seguida, Fleury avisou: "Olha, a peça que vem agora me causou muita estranheza na primeira vez que a ouvi". De fato, a



Nelson Almeida/ AE

Eleazar de Carvalho rege a Sinfônica do Estado na abertura do festival



Sinfonia nº 7, de Ezra Laderman (que estava assistindo na plateia), proporcionou ótima surpresa. Com influências que vão de Stockhausen a Frank Zappa, a obra é prova de que existe música contemporânea de

qualidade, bem resolvida, distante da experimentação.

Para o secretário da Cultura, Ricardo Ohtake, a maioria dos músicos do Exterior convidados este ano não se encaixa no conceito "comercial". "Evitamos a obviedade que seria a presença de um Carneras", disse. "Quisemos dar um passo para a frente em relação ao que se costuma ouvir no circuito de concertos eruditos do país". Essa concepção foi demonstrada da forma mais didática possível no concerto de abertura.

Nusrat, que canta hoje, se diz enganado por Peter Gabriel

A primeira demonstração patente de inovação na programação musical do Festival de Inverno de Campos do Jordão, vem de Paquistão, pesa 150 quilos e, para muitos tem a voz de Deus (o Alá) quando canta. Nusrat Fateh Ali Khan, que está desde sábado na cidade com seus dez músicos, possui um carisma suficiente para atrair até a editora de música do jornal francês *Le Monde*, Veronique Montagne, entre os diversos jornalistas que estão cobrindo os concertos de Khan no país. O cantor se apresentou ontem à noite no auditório Claudio Santoro e hoje, às 21h, pode ser visto no Teatro Sergio Cardoso, em

São Paulo.

Em entrevista exclusiva ao *Caderno 2* no terraço do Hotel Vila Inglesa, em Campos do Jordão, Kahn mostrou ser um homem simples e de bom senso. Disse que foi investido de uma graça divina, que lhe deu a voz que tem, mas não considera isso suficiente. "Você precisa trabalhar esse dom, aprimorar técnicas", disse. "É o resultado de muito trabalho. A minha missão é expressar a mensagem de Deus, para toda a Humanidade sem exceção".

Segundo Veronique Montagne, o fascínio que Nusrat exerce sobre uma plateia cada vez mais numerosa no mundo se deve a uma ambiguidade. "Não há diferenças entre o religioso e o popular em sua música", explica. "Isso faz com que o cantor atraia tanto os mais idosos, tradicionalistas, que querem ouvir os textos sagrados do corão, quanto os jovens que querem dançar".

Para Nusrat, a filosofia sufista não estabelece diferenças nítidas entre o amor divino e o amor humano. "Na forma, o qawwali (canto de devoção) e o gazal (canto de amor) são muito parecidos", disse. "São apenas nuances de estilos". Segundo ele, ambos requerem a mesma instrumentação básica: voz, harmonio, tablas, palmas e corno. Nestes concertos brasileiros, Nusrat interpreta essencialmente canções de inspiração religiosa extraídas de seu novo disco *The Last Prophet* (selo Realworld). São poesias sufi que datam de vários séculos, com arranjos atuais.

Nusrat disse que gostou da trilha que Peter Gabriel compôs para o filme *A Última Tentação de Cristo*, da qual participa. "Mas se eu soubesse do contexto polêmico do filme, da orientação duvidosa que foi dada no plano religioso, eu jamais teria aceito colaborar nesse projeto", disse. "Eu me senti enganado pelo que fizemos com a minha arte". (J.Y.N.)